

überzeugenden Beweis für diese neuartige gewinnbringende Herausforderung an die Phantasie des Hörers. Dem Hörer wird eine ganz neue Rolle zugesprochen. Er wird aufgefordert, seine gewohnten Wahrnehmungsweisen aufzubrechen, er wird provoziert und irritiert und dadurch zur kritischen Stellungnahme bewegt. In dieser Hinsicht sind diese Stücke als eine Kontinuation der Tradition des Neuen Hörspiels anzusehen, die mit Dekonstruktion und Experiment das Hörspiel zu einer „Hörsensation“ gemacht hat.<sup>51</sup>

Die im Beitrag berücksichtigten Hörspiele Ursula Kreechels

Kreechel, Ursula: *Stadtluftmüde*, SWF 1988.

Kreechel, Ursula: *Zwischen den Ohrringen der Redefuß*, SFB/SWF 1991

Kreechel, Ursula: *Unendliches Türenschlagen*, NDR 1997.

Sekundärliteratur

Heißenbüttel, Helmut: *Horoskop des Hörspiels*. In: Schöning, Klaus (Hg.): *Neues Hörspiel. Essays, Analysen, Gespräche*. Frankfurt a.M. 1970.

Jelinek, Elfriede: *Mit dem Hören spielt man nicht*. In: „Das Erste. Die Zeitschrift über Fernsehen und Radio“, Nr.1, Januar 1992.

Keckeis, Hermann: *Das deutsche Hörspiel. 1923-1973*. Frankfurt a.M. 1973.

Knilli, Friedrich: *Das Hörspiel*. Frankfurt a.M. 1961.

Osiński, Jutta: *Einführung in die feministische Literaturwissenschaft*. Berlin 1998.

Roecker, Anke (Hg.): *Autorminen: Herausforderung an das Theater*. Frankfurt a.M. 1989. Cixous, Helene: *Schreiben, Feminität, Veränderung*. In: *Alternativ*, 108/109, 1976.

Barbara Hlibowicka-Weglarz

### Variedade de concepções metodológicas na área dos estudos aspetológicos

0. O presente estudo tem como objectivo apresentar uma grande diversidade metodológica que se verifica na área dos estudos sobre o aspecto. Pretendemos mostrar diferentes opiniões de vários linguistas, representantes da linguística românica, assim como da eslava, que apresentam diferentes tratamentos da categoria de aspecto, que utilizam nas suas pesquisas instrumentos metodológicos diferentes, servindo-se de uma terminologia muito variada.

Propomos apresentar, por um lado, os principais problemas teóricos sobre os quais discutem os investigadores, e por outro, as diferentes concepções metodológicas aplicadas para resolver as questões que se põem. No nosso estudo propomos discutir, entre outros, tais problemas, como: relação entre formas verbais e o aspecto (posição da categoria de aspecto no sistema verbal), distinção de propriedades inerentes que parecem ser relevantes para designar as diferentes classes aspectuais, análise do grau de complexidade da estrutura conceptual da forma verbal, carácter combinatorio dos valores aspectuais representados por todos os constituintes do enunciado, etc.

1.0. Começemos as nossas observações por reflectir no essencial da categoria do aspecto. Formulemos uma pergunta fundamental: o que é o aspecto? Qual a posição desta categoria no sistema verbal? A resposta a uma tal pergunta põe muitos problemas metodológicos,

<sup>51</sup> Dazu vgl. Heißenbüttel, Helmut: *Horoskop des Hörspiels*. In: Schöning, Klaus (Hg.): *Neues Hörspiel. Essays, Analysen, Gespräche*. Frankfurt a.M. 1970, S.35.

pois não existe unanimidade entre os linguistas quanto à definição deste conceito básico. Sem entrar em detalhes, podemos distinguir duas grandes teorias, duas concepções bem diferentes, até opostas, sobre este problema: uma que podíamos designar como “clássica”, e outra, mais recente, e muito mais divulgada.<sup>1</sup>

1.1. Tendo-se partido do pressuposto teórico que o valor aspectual do lexema verbal é neutro, a primeira concepção, “clássica”, supõe o isomorfismo da estrutura formal e semântica do verbo. Para provar as suas opiniões, os adeptos desta teoria aduzem o argumento da coocorrência não selectiva de cada lexema verbal com os morfemas gramaticais do aspecto perfectivo e imperfectivo no interior da forma verbal. No entanto, reparam que, se nós aceitássemos esta concepção, tínhamos de aceitar também que alguns verbos no presente não tinham aspecto porque na sua estrutura morfé mica não há morfemas gramaticais. O aspecto manifesta-se apenas no lexema verbal. Ao contrário, os mesmos verbos tinham o aspecto no pretérito imperfecto porque a estrutura morfé mica dessas formas já contém o morfema gramatical. Os exemplos acima citados ilustram o que acaba de ser dito:

em polaco: *wie, wierzy, kocha, rozumie*, etc.

em francês: *pense, sens, aime*, etc.

em português: *pensa, ama, sente*, etc.

Vejam os que nas formas verbais eslavas que representam estados, o valor aspectual se manifesta apenas através do morfema lexical, pois na estrutura morfé mica das formas citadas não há marcas gramaticais. O mesmo podemos observar em francês e em português. Quando os mesmos verbos ocorrem no pretérito imperfecto, a sua estrutura morfé mica é enriquecida com os morfemas gramaticais:

em francês: *sent-ai-(s), pens-ai-(s)*, etc.

em português: *pens-av-a, sent-ia*, etc.

De acordo com a concepção “clássica”, enquanto as formas citadas no presente não tinham aspecto, no pretérito imperfecto já o tinham. Este resultado da análise permite compreender porque a concepção

<sup>1</sup> S. Karolak (1996: 9,10)

“clássica” não tinha muitos adeptos e enfim foi abandonada. Pois, como se sabe, as formas no presente e no pretérito imperfecto são idênticas do ponto de vista da semântica aspectual, pois as duas representam o valor aspectual imperfectivo.

1.2. De acordo com a versão mais corrente da segunda das concepções mencionadas, a forma verbal está constituída por dois tipos de morfemas, isto é, o morfema lexical (lexema ou semantema) e o morfema gramatical (gramema). Ambos os morfemas coexistem na forma verbal e o valor aspectual do conjunto constitui sempre uma combinação dos valores aspectuais expressos por estes elementos constitutivos. Entre os numerosos linguistas que se declararam por esta concepção do aspecto podemos citar os linguistas franceses, tais como: R. Martin, M. Willmet, os linguistas portugueses, como por exemplo: M. H. Costa Campos, F. Oliveira, M. Mateus, o linguista italiano M. Bertinetto, ou os eslavistas, tais como: S. Karolak, F. Antinucci, L. Gebert, e muitos outros.

2.0. Afastando-se da concepção “clássica” que considera o verbo uma unidade indivisível, e admitindo a concepção que aprova o carácter combinatório dos valores aspectuais representados por lexemas e gramemas, um outro problema se põe: qual o componente semântico que decide do valor aspectual do morfema lexical, qual o componente que decide do valor aspectual do morfema gramatical? Para responder a primeira das perguntas, os linguistas propõem fazer uma análise sémica de predicados verbais, isto é, decompor em componentes mínimas o sentido do lexema para descobrir as propriedades semânticas inerentes aos predicados, e designar as diferentes classes que seriam aspectualmente relevantes. Por outras palavras, os investigadores propõem distinguir na estrutura semântica de predicados os tais parâmetros que decidem da sua perfectividade, ou imperfectividade.

No que respeita à análise semântica de predicados, várias classificações têm sido propostas levando a dificuldade da tarefa. Embora as propostas de classificações se diferenciem uma das outras, no entanto, muitos linguistas estão de acordo quanto à necessidade de ter em conta, para estas análises, os parâmetros seguintes: durativo vs

não-durativo, estativo vs não-estativo, tético vs não-tético. Os autores consideraram necessário acrescentar ainda o número dos parâmetros acima citados, completando-os com o critério de ocorrência singular ou plural de uma acção que permite distinguir: acção simples vs acção completa, acção iterativa vs acção não-iterativa, e muitos outros. Mas, qual é o critério decisivo, o critério que tem o estatuto mais importante entre eles? Se nós compararmos as numerosas classificações propostas, reparamos que as principais diferenças entre elas resultam não só de número dos parâmetros segundo os quais os diversos autores classificam os verbos e designam as classes diferentes, mas também da diferente hierarquia dos parâmetros citados. É bem evidente que os resultados das análises dependem de princípios dos quais partem os linguistas, dos parâmetros que tomam em consideração. Assim, as classificações de verbos propostas por linguistas que consideram a propriedade ( $\pm$  estativo) como um traço com o estatuto mais alto nesta hierarquia diferem, com certeza, das classificações que tratam como fundamental a propriedade ( $\pm$  tético). Para ilustrar estas diferenças, retomemos agora duas das classificações propostas e tentemos analisá-las numa maneira crítica.

2.1. Das numerosas classificações de predicados verbais escolhemos, para a nossa apresentação, a tipologia proposta em 1967 por Zeno Vendler para os verbos do inglês. Embora esta classificação não seja única, nem aceite por todos os linguistas<sup>2</sup>, é uma das primeiras, e bastante disseminada nos estudos sobre o aspecto. A classificação de Vendler integra quatro classes de verbos: *states* – estados<sup>3</sup>; *activities* – actividades; *accomplishments* – eventos

prolongados<sup>4</sup>, *achievements* – eventos instantâneos. Se nós quisermos caracterizar as categorias de Vendler a partir das três propriedades semânticas inerentes aos predicados, a saber: ( $\pm$  estativo), ( $\pm$  durativo), ( $\pm$  tético), podemos fazê-lo da seguinte forma:

*states*: (+ estativo), (+ durativo), (- tético);  
*activities*: (- estativo), (+ durativo), (- tético);  
*accomplishments*: (- estativo), (+ durativo), (+ tético);  
*achievements*: (- estativo), (- durativo)<sup>5</sup>.

Como se vê, a classificação de Vendler é feita em função da propriedade ( $\pm$  estativo), propriedade que ocupa a posição mais alta na hierarquia entre todos os critérios<sup>6</sup>. A classificação de Vendler, discutida, comentada e criticada por vários investigadores, põe várias dúvidas e objecções. Repare-se, por exemplo, que *states* e *activities* são atéticos e contêm na sua estrutura semântica a continuidade temporal (+ durativo), um intervalo aberto que constitui o tempo inerente destas categorias. Quanto a *accomplishments*, estas categorias contêm também na sua estrutura semântica o traço (+durativo), mas esta estrutura já é diferente, não é simples, porque, ao contrário de *states* e *activities*, contêm também um outro traço semântico, a saber, o traço (+ tético). Quais são então as categorias que podemos considerar como perfectivas: apenas *achievements*, ou também *accomplishments*? Existem várias opiniões sobre este problema. Por isso, parece-nos possível dizer que a classificação de Vendler que baseia nos traços combinatórios dos predicados verbais é mais uma classificação de carácter taxionómico que aspectual.

<sup>2</sup> Desde o texto clássico de Vendler têm sido muitos os comentadores desta tipologia que apresentaram diversas propostas de reclassificação dela (Cf. Dowly 1977, Mourelatos 1978 e 1981, Co Vet 1980 e 1981, Carlson 1981, Hoepelman e Rober 1980, Mittwoch 1982, Smith 1983 e 1991, Moens 1987, Britton 1988, Leech 1971, etc.).

<sup>3</sup> Utilizamos as traduções portuguesas dos termos ingleses propostos por Campos e Xavier (1991: 320).

<sup>4</sup> Entre os linguistas portugueses não existe unanimidade quanto à tradução dos termos ingleses. Alguns traduzem, *accomplishments* por verbos de realização (Mendes 1994: 18), Oliveira propõe, para esta classe de verbos, a tradução de verbos de conclusão, e para a classe de *achievements* – a de verbos de consecução.

<sup>5</sup> O traço ( $\pm$  tético) não se aplica às situações não durativas e portanto não se aplica à categoria *achievements*.

<sup>6</sup> Como nas classificações propostas por outros linguistas, tais como: M. Willmet (1997) ou E. V. Paduceva (1966).

2.2. Uma outra proposta de classificação foi feita em 1986 por Pier Marco Bertinotto para os verbos italianos, ou seja para os estados de coisas (*azioni*) representados por verbos italianos. Entre os critérios citados para esta classificação o autor cita, por um lado, os critérios paralelos a os aplicados por Vendler, tais como: (estativo vs não-estativo), (durativo vs não-durativo), e por outro, os critérios "novos", tais como (resultativo vs não-resultativo), (pontual vs não-pontual). É preciso reparar também que na classificação de Bertinotto a hierarquia dos critérios já é diferente porque é a oposição durativo vs não-durativo que ocupa a posição mais alta entre todos os critérios citados<sup>7</sup>. Assim, Bertinotto divide os estados de coisas (*azioni*), assim como os verbos que os designam, em: a) verbos durativos, e b) verbos não-durativos que coincidem com os eventos instantâneos de Vendler (*achievements*). A seguir, os durativos são divididos em: a) resultativos (*accomplishments*), e b) não-resultativos. A segunda das categorias mencionadas, isto é, os verbos não-resultativos, contém duas sub-categorias: a) verbos estativos, divididos em permanentes e não-permanentes, e b) verbos não-estativos que coincidem com as atividades de Vendler (*activities*). Se nós compararmos agora as duas classificações, a de Vendler e a de Bertinotto podemos reparar que na classificação de Bertinotto os verbos não durativos (*achievements* de Vendler) constituem uma categoria a parte, separada das outras, considerada como *perfectiva tantum*. As três categorias restantes, isto é, os verbos durativos, resultativos (*accomplishments*); os verbos durativos, não-resultativos, não-estativos (*activities*); e os verbos durativos, não-resultativos, estativos, permanentes e não-permanentes (*states*), são considerados como *imperfectiva tantum*. Repare-se agora que muitos dos linguistas<sup>8</sup> consideram os verbos durativos resultativos de Bertinotto, isto é, *accomplishments* de Vendler, como

<sup>7</sup> Entre os investigadores que situam o traço ( $\pm$  durativo) na posição mais alta podemos citar: Maslov (1978), Karolak (1991, e seguintes), Comrie (1976), Guillaume (1929, 1964), etc. Para Guillaume o aspecto é o tempo que o verbo traz consigo, que lhe é inerente, tempo ligado a experiência primária de duração; enquanto o tempo situa o processo no tempo em relação a um ponto de referência.

<sup>8</sup> Entre os outros M. H. Costa Campos.

perfectivos (e não imperfectivos), porque consideram que a telicidade vs atelicidade é outra denominação de perfectividade e imperfectividade no que diz respeito à análise de lexemas. Como vimos a análise do aspecto lexical leva os autores citados a conclusões bem diferentes.

Este parágrafo não pretende ser uma apresentação detalhada de todas as classificações de predicados verbais propostas por linguistas diferentes. Desejamos apenas, a partir das classificações acima mencionadas, mostrar que os linguistas têm opiniões diferentes sobre este tema e utilizam instrumentos metodológicos bem distintos. Daí vêm as conclusões dessas análises que se diferenciam muito uma das outras, até, por vezes se opõem.

3.0. Depois de fazer a curta apresentação das opiniões sobre a classificação semântica de predicados verbais, passemos a um outro problema discutido na área dos estudos aspectológicos. Nas classificações apresentadas até agora os linguistas não tomaram em consideração o grau de complexidade da estrutura conceptual da forma verbal, tratando todos os verbos como se tivessem a mesma estrutura interna<sup>9</sup>. Os aspectólogos recentes tais, como por exemplo: S. Karolak (1991, 1992, 1993, 1994, e os seguintes), F. Antinucci, L. Gebert (1976, 1977), tentam nas suas pesquisas entrar na estrutura conceptual dos verbos e descobrir uma hierarquia dos conceitos na base de derivação semântica. Vale a pena sublinhar aqui que, nas suas análises, os linguistas mencionados se referem à análise dos lexemas verbais, e não à análise de toda a forma verbal. Como afirma S. Karolak (1998: 3): "(...) le classement sémantique des verbes s'identifie à celui des sémantemes selon les concepts qu'ils véhiculent, et non pas à celui de toutes les compositions morphémiques. Il

<sup>9</sup> E. V. Paduceva (1966) apresenta uma classificação de verbos que em relação a classificação de Vendler é modificada. Em primeiro lugar, a autora distingue as categorias de verbos primários e derivados. Mas esta derivação é formal, não é semântica, porque não se refere às estruturas conceptuais. Na sua proposta de classificação o critério combinatorio, quer dizer, a possibilidade de coocorrência do verbo com os advérbiais de duração que restringem a continuidade permite distinguir as duas categorias de verbos.

s'ensuit que le classement sémantique des verbes présuppose une décomposition préalable des formes verbales, et en particulier, l'extraction des sémantèmes qui en constituent l'unique objet"<sup>10</sup>. Para descobrir a estrutura conceptual de sémantemas os linguistas procuram estabelecer os critérios que permitam distinguir os conceitos simples, não derivados, que entrem nas estruturas complexas, derivadas. Assim, os linguistas propõem distinguir o aspecto simples e o aspecto derivado, ou por outras palavras, o aspecto simples e as configurações aspectuais.

3.1. Vejamos agora, em linhas gerais, em que consiste a concepção do aspecto de um aspectólogo polaco, S. Karolak, linguista que com a equipa de investigadores polacos e franceses pretendem considerar a sémântica das categorias de aspecto e de tempo na perspectiva da gramática cognitiva. Como nos diz Karolak, a categoria de aspecto é uma categoria sémântica e está ligada a uma estrutura conceptual representada por predicados verbais<sup>11</sup>. Por isso, todas as classificações de verbos deveriam basear nos critérios sémânticos, nos conceitos específicos que podemos associar aos lexemas. Assim, S. Karolak distingue dois conceitos simples, primários, tais como: a continuidade e a pontualidade, e dois aspectos simples, primários, tais como: imperfectivo e perfectivo, identificando a continuidade com a imperfectividade e a pontualidade com a perfectividade. Ele define o conceito de continuidade da seguinte maneira: "Je définie le concept de continuité en fonction de prédicat logique selon le schéma: X peut durer, à de l'étendu dans le temps", e o conceito de pontualidade: "quelque chose (p) qui n'a pas d'étendue dans le temps, quelque chose

<sup>10</sup> O autor mencionado continua assim: „Si l'on se met d'accord sur le statut constitutif du sémantème dans une forme verbale, on peut définir le grammème comme étant celui qui contracte une relation d'interdépendance avec le sémantème. (...) Le sémantème en tant qu'entité formelle présuppose la présence d'un grammème, quand il n'a pas d'autonomie combinatoire au niveau syntaxique. (...) En tant qu'entité sémantique, le sémantème présuppose la présence d'un grammème, quand il est sémantiquement incomplet. Le grammème sert alors à compléter son sens. (Karolak, p. 3, 5).

<sup>11</sup> Cada conceito tem o seu aspecto como componente inerente.

(p) d'instantané". Ao esquema lógico que representa a continuidade correspondem, por exemplo, tais conceitos, como: *amor*, *tristeza*, *silêncio*, e ao esquema lógico que representa a pontualidade os conceitos tais, como: *pancada*, *estrépio*, *explosão*. Os conceitos que não são simples, são derivados dos conceitos simples, e como estruturas sémânticamente hierarquizadas, correspondem às configurações aspectuais.

Como o aspecto é uma categoria sémântica, não lexical, nem gramatical, é independente dos meios formais que funcionam apenas como marcas formais desta categoria. O autor mencionado opõe-se às opiniões apresentadas por investigadores que tratam de maneiras diferentes os valores aspectuais representados por lexemas verbais e por morfemas gramaticais. Segundo nos diz, não se pode falar de duratividade como *Aktionsart* e da imperfectividade como *Aspekt*, porque nos dois casos, trata-se do mesmo conceito de continuidade.

Resumidamente pode afirmar-se que S. Karolak distingue dois aspectos simples: aspecto continuativo, isto é, imperfectivo, e aspecto pontual, ou perfectivo. Das diferentes combinações entre eles resultam as configurações aspectuais que têm como base as regras da derivação sémântica. Assim, por exemplo, a combinação do conceito continuativo representado por lexema verbal (sémantema) com o aspecto pontual origina a configuração bi-aspectual com uma dominante pontual. Assim, a partir de um aspecto imperfectivo simples (p. ex.: *dormir*) deriva-se o aspecto perfectivo secundário que podemos representar através de um esquema lógico: "aconteceu um tal (p) que dura (q)" (p. ex.: *adormecer*). O esquema lógico citado representa uma estrutura hierarquizada, derivada da estrutura simples, imperfectiva, em que o predicado perfectivo funciona como o componente dominante, e o predicado imperfectivo como dominado, subordinado. Conforme o conceito sémântico de pontualidade precede ou segue a continuidade sémântica, origina-se uma configuração incoativa (p. ex.: *apagar*, *abrir*), ou uma configuração limitativa (p. ex.: *afundar-se*, *morrer*) que, ambas as configurações, funcionam como duas variantes sémânticas do aspecto perfectivo secundário. Ao contrário, se o conceito pontual do lexema, coocorre com o aspecto

continuativo, deriva-se o aspecto imperfeito secundário. Neste caso, S. Karoliak distingue também duas variantes: uma representada pela configuração habitual (potencial), e outra, representada pela configuração multiplicativa. A configuração potencial é uma estrutura que tem como componente situado mais alto na estrutura semântica hierarquizada um predicado continuativo de potencialidade, e como componente subordinado um predicado pontual, o que se pode representar por um esquema lógico: "X é assim, que pode acontecer (p)" (p. ex.: *O João namora as raparigas bonitas* – O João é assim que pode namorar as raparigas). Como exemplos da configuração multiplicativa podemos citar os verbos, tais como: *pestanjejar, piscar, tremeluzir, palpitar*, etc.

É interessante reparar que as configurações bi-aspectuais podem ser utilizadas como base para derivar as configurações mais complexas, por exemplo tri-, ou tetra-aspectuais.

É muito difícil apresentar nas páginas desta curta comunicação a teoria do aspecto de S. Karoliak, um linguista eminentemente polaco, com todos os pormenores. A nossa intenção é apenas de citar a sua proposta interessante que, sem dúvida, constitui uma concepção nova de análise, e assim, contribui para a área dos estudos aspectológicos.

4.0. A última questão que queria apontar aqui é o problema da importância do contexto verbal na análise dos valores aspectuais. Na tradição linguística os investigadores interessaram-se pela análise da forma verbal que, sem dúvida, constitui um núcleo de representação da categoria de aspecto. Como se sabe, nas pesquisas mais recentes, para a descrição dos valores aspectuais, os linguistas propõem considerar também todo o contexto verbal. Pois, a semântica do aspecto é representada por todos os constituintes do enunciado. Por isso, a análise dos valores aspectuais deveria referir-se à descrição do conjunto das marcas formais desta categoria.

Para confirmar que além do predicado existem outros factores que podem concorrer para "a constituição temporal da situação analisada", os investigadores propõem analisar: a influência semântica dos argumentos de predicado, assim como a sua quantificação; a função dos adverbais que ocorrem nos enunciados, e que trazem à forma

verbal com a qual coocorrem as informações aspectuais suplementares, e a influência de tais formas aspectuais, como: os morfemas gramaticais de tempos verbais, e as construções perifrásticas. Tendo em conta o que antes ficou dito, os linguistas concluem que:

- o aspecto verbal não depende exclusivamente da classe do predicado;
- os diferentes contextos linguísticos podem determinar a integração de um mesmo predicado verbal em diferentes classes aspectuais;

- para abordarmos uma qualquer forma aspectual, temos de analisar todas as propriedades que concorrem para a definição desta forma ao nível do enunciado, e não só ao nível do verbo;

- o valor aspectual de uma situação é estabelecido pela integração de todos os constituintes que participam na sua definição.

5.0. O objectivo que nos propusemos inicialmente foi demonstrar a variedade de concepções metodológicas na área dos estudos aspectológicos, variedade que conduz os linguistas que iniciam o trabalho neste tema a problemas muito complexos de compreensão desta rica matéria. Partindo da análise "clássica" de algumas questões mais importantes sobre as quais discutem os aspectólogos, queríamos mostrar, por um lado, como alterou a teoria do aspecto nos trabalhos recentes, e por outro, quais são os diferentes pontos de vista de investigadores sobre a mesma questão.

#### Bibliografia

- Antinucci, F., Gebert, L., (1976): *L'aspetto verbale in polacco*, (in:) "Ricerche Slavistiche", XXII-XXIII, pp. 5-60.
- Antinucci, F., Gebert, L., (1977): *Semantyka aspektu czasownikowego*, (in:) "Studia Gramatyczne I", pp. 7-43.
- Bertinetto, P. M., (1986): *Tempo, aspetto e azione nel verbo italiano*, Presso Accademia della Crusca, Firenze.

- Campos, M. H. C., Xavier, M. F., (1991): *Sintaxe e semântica do português*, Universidade Aberta, Lisboa.
- Castilho, A. T., (1967): *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*, separata de "Alfa", 12, Marília 1968 (Coleção de teses).
- Comrie, B., (1976): *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problem*, CUP, Cambridge.
- Guillaume, G., (1929): *Temps et Verbe. Théorie des aspects, des modes et des temps*, H. Champion, Paris.
- Guillaume, G., (1964): *Immanence et transcendence dans la catégorie du verbe. Esquisse d'un théorie psychologique de l'aspect*, (in:) "Langages et science du langage", 3-e édition, pp. 46-58, Nizet, Paris.
- Karolak, S., (1996): *O semantyczne aspektu*, (in:) "Bulletin de la Société Polonaise de Linguistique", fasc. LI, Wydawnictwo Energeia, Karaków.
- Maslov, J., (1984): *Ocerki po aspektologii*, Wydawnictwo Uniwersytetu, Leningrad.
- Mateus, M. H. M. et alli (1983): *Gramática da Língua Portuguesa*, Livraria Almedina, Coimbra.
- Mendes, A. Q., (1994): *A referência temporal na linguagem da criança*, (in:) "Revista Internacional da Língua Portuguesa", vol. 11, pp. 13-48.
- Paduceva, E. V., (1966): *Semantika vida i točka oseva*, (in:) "Semanticeskie issledovanija", Skola "Jazyki ruskoj kultury", pp. 9-23, Moskwa.
- Paduceva, E. V., (1966): *Semantika vidovego protivopostavlennija i taknomiceskaja kategorija glagola*, (in:) "Semanticeskie issledovanija", Skola "Jazyki ruskoj kultury", pp. 103-121, Moskwa.
- Vendler, Z., (1967): *Verbs and times* (in:) "Linguistic and Philosophy", pp. 97-121, Cornell University Press, Ithaca.
- Vet, C., (1980): *Temps, aspects et adverbes de temps en français contemporain. Essai de sémantique formelle*, Librairie Droz, Genève.

Jolanta Krieger

## Paraverbale Ausdrücke in der Textsorte Comic. Eine Auswertung unter kommunikativ-pragmatischem Aspekt

### 1. Einleitung

Im Zentrum der vorliegenden Ausführungen stehen paraverbale Ausdrücke und die durch diese Ausdrücke konstituierten Sprachhandlungen. Im Folgenden geht um eine Kennzeichnung der häufigsten paraverbalen Ausdrücke innerhalb der Textsorte Comic nach ihrer Handlungsfunktion. Dafür werden zunächst die Faktoren dargestellt, die zur Beschreibung konkreter Handlungszusammenhänge / Interaktionsbedingungen im Comic-Text benutzt werden. Für die empirische Erhebung wurden als Korpus dieser Analyse die in deutscher Fassung in Deutschland erschienenen Bände des Comics Asterix gewählt. Aus diesem Korpus wird unter Angabe der Bandnummer in römischen und der Seitenzahl in arabischen Ziffern zitiert; gelegentlich wird die Panel-Nummer<sup>1</sup> mit tiefergestellter Indexziffer angegeben (z.B. X:5<sub>1</sub>).

<sup>1</sup> Panel ist die englische Bezeichnung für Stück, Feld, Fach. Ins Deutsche übernommen aus dem Niederländischen (*Panel* = das vertiefte Feld einer Holztafelung) steht der Begriff in der Kunstgeschichte für Tafelbild (Dolle-Weinkauff 1990:331). Neben den Bezeichnungen *Einzelbild* und *Bildfeld* hat sich Panel als Terminus technicus der Comic-Forschung für die kleinste selbständige Einheit (Einzelbild) einer Comic-Bildfolge eingebürgert und wird im vorliegenden Beitrag entsprechend gebraucht.